



REGIONALISMOS E BRASILEIRISMOS: ESBOÇO DE UMA TIPOLOGIA (REGIONALISMS AND BRAZILIANISMS: SKETCH OF A TYPOLOGY)

Ana Maria Pinto PIRES DE OLIVEIRA (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

ABSTRACT: The object of this paper is the analysis of words classified as "Brazilianisms" in order to propose a typology which characterizes these linguistic signs.

KEYWORDS: "Brazilianisms"; lexicology; typology.

Ao apresentar-se como um objeto multifacetado a língua torna-se susceptível à ação de diferentes enfoques. É como instituição social que ela se vincula diretamente ao ambiente sociocultural e configura-se como a manifestação de uma mentalidade coletiva. Serve, pois, para estabelecer a comunicação e a interação social entre os membros de uma comunidade lingüística.

No nível lexical vamos encontrar meios que poderão fornecer explicações acerca da concepção de mundo de um determinado grupo social e, também, elementos essenciais para que possamos caracterizar a realidade sociocultural de seus falantes. Importa registrar, ainda, que é no âmbito do léxico que podemos verificar com maior nitidez a deriva da língua, ou seja, as tendências já contidas no sistema, bem como todas as mudanças concernentes a seu caráter dinâmico.

Quando de seu descobrimento, o Brasil apresentava-se como um imenso território povoado por uma numerosa população autóctone, falante de inúmeras línguas, distribuídas por todo o território nacional, de Norte a Sul. Com a chegada do colonizador, a partir de 1532, foi introduzida também em território brasileiro uma língua românica, a língua portuguesa, que, desde então, passou a conviver com as demais línguas indígenas aqui existentes. Esse convívio lingüístico que se estendeu por vários séculos, intensificava-se cada vez mais devido à premente necessidade de sobrevivência em solo desconhecido e, acima de tudo, para que os colonizadores pudessem conquistar esse novo território.

Ao lado das diversas línguas indígenas existentes e da língua portuguesa aqui falada por uma minoria, encontrava-se a *língua geral ou brasílica*, língua de intercuro comunicativo, tanto usada pela grande massa indígena em seus redutos, como entre os índios e a comunidade portuguesa. Essa língua foi largamente empregada pelo menos até o século XVIII e foi, assim, descrita por Silva Neto (1976:53):

"A língua geral, pelo contrário, era simples, e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação. Tinha todo o aspecto das línguas de necessidade".

Desse modo, a língua geral foi se expandindo cada vez mais, passando a ser falada no seio das próprias famílias dos colonizadores. Essa intensa penetração da língua geral despertou a atenção da coroa portuguesa que adotou medidas drásticas, ditadas pelo Marquês de Pombal que, em 1754, ordenou fosse proibido seu uso e



implantada em solo brasileiro, exclusivamente, a língua portuguesa que, nessa época, reunia pequenos núcleos de falantes nos centros urbanos emergentes. Com a interdição da língua geral, a língua portuguesa foi-se expandindo por todos os cantos deste país, seguindo a trilha dos bandeirantes, adentrando o sertão, interiorizando-se, enfim.

Ao lado das línguas indígenas e da língua portuguesa convivemos, também, com línguas africanas, especialmente, as do grupo *banto* (o quimbundo) e *sudanês* (o iorubá ou nagô) que, faladas por uma população escrava, não conseguiram estabelecer-se no “Novo Mundo” como meio sistemático de comunicação.

Todos estes contatos etnolinguísticos verificados no Brasil-colônia favoreceram o caldeamento das diferentes etnias e a constituição de uma sociedade híbrida, multifragmentada, com características diferentes da portuguesa, que desenvolveu um modo peculiar de falar inúmeros vocábulos, que passaram a caracterizar o português do Brasil.

Foi precisamente no nível lexical que mais se fizeram sentir as influências das línguas indígenas e africanas. Tais influências registradas no léxico, podem ser verificadas em referentes do mundo físico e do universo cultural próprios de nossa sociedade. Nesse léxico diferenciado podemos perceber, também, a presença de vocábulos e de expressões características do uso brasileiro, que podem ter sido usadas em Portugal, em outras épocas, ou ainda sejam empregadas, todavia com uma semântica diversificada.

O presente estudo teve como objetivo a análise de 06 unidades vocabulares, pertencentes ao campo léxico das *plantas medicinais*. As unidades analisadas foram classificadas como brasileirismos/regionalismos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1996), versão informatizada. A partir desta análise apresentamos uma proposta de tipologia desses signos linguísticos. Como parâmetro de análise para o delineamento de uma tipologia dessas unidades vocabulares, consideramos brasileirismo tão somente as lexias que se enquadraram em uma das seguintes categorias: indigenismos, africanismos, lexias transplantadas que no Brasil assumiram novos matizes semânticos, formações e derivações brasileiras de base vernácula e de base híbrida – vernácula/indígena e vernácula/estrangeira. A seguir, analisamos as seguintes unidades vocabulares pertencentes ao campo léxico da flora, subcampo das plantas medicinais:

Abacate-do-mato, caroba, cipó-mil-homens, quina, jurubeba, jaracatiá.

A lexia *abacate-do-mato* que, segundo o **Dicionário Aurélio**, é um brasileirismo da região Leste, uma planta cujas “sementes, ricas em óleo e em alcalóide amargo, são usadas como medicamento estomáquico”. Esse dicionário registra também como sinônimo geral de *abacate-do-mato* as unidades léxicas castanha-mineira e *cipó-abacate*. Pelos dados fornecidos pelo **Dicionário Aurélio**, pudemos verificar que tanto a unidade *abacate-do-mato* quanto *castanha-mineira* representam vocábulos cujo uso circunscreve-se a determinadas áreas geográficas, ou seja, configuram-se como **regionalismos**.

No que concerne ao aspecto formal, *abacate-do-mato* (substantivo + de + substantivo) representa um tipo de composição em que um substantivo é subordinado a



outro. Nesse exemplo, temos, no segundo elemento (do mato), um especificador, que remete a um local, que faz referência a que se está falando. Essa forma de composição está fartamente representada nas unidades vocabulares de criação brasileira, sobretudo nas designações de plantas e animais. A base léxica formadora desse composto vocabular tem procedência estrangeira (do nauatle, língua indígena não-brasileira).

Desse modo, é considerado regionalismo, em consequência de a base formadora desse vocábulo ter grande difusão em todo o território brasileiro e, também, por encontrar-se registrada em várias obras da lexicografia em língua portuguesa como vocábulo em uso na “*américa tropical*”.

Aurélio registra também unidade vocabular *caroba*, do Tupi – “*folha amargosa*” – e aponta as variantes *jacarandá-caroba* e *jacarandá-preto*. A lexia *caroba* foi classificada por esse lexicógrafo como **brasileirismo do L e do S**. A análise das variantes da lexia revela que elas foram estruturadas a partir da associação da unidade lexical *jacarandá* – nome genérico de uma espécie bastante conhecida que possui alguma propriedade terapêutica ou alguma característica que se assemelhava à da planta a ser designada – com os determinantes *caroba* e *preto* que especificam essa espécie vegetal. A descrição botânica da *caroba* informa que ela pertence à família das bignoniáceas, gênero *jacarandá*, vocábulo ao qual foi acrescido os determinantes *caroba* e *preto*, formando as lexias compostas *jacarandá-caroba*, um indigenismo, e *jacarandá-preto*, uma formação híbrida.

Quanto à unidade vocabular *caroba*, configura-se como um indigenismo que sofreu alterações morfofonéticas, ajustando-se à fonética e à ortografia da língua portuguesa.

Em sequência, temos a unidade vocabular *cipó mil-homens* que Aurélio classifica como um **brasileirismo da região Norte**, faz referência às suas propriedades curativas, ao formato exótico de suas flores (lembra uma jarriinha) e elenca as seguintes variantes populares: *jarriinha*, *jarriinha-arraia*, *mil homens*, *mil-homens-do-rio-grande-do-sul*, *batatinha* e *flor-de-sapo*.

Importa mencionar que o **Dicionário Aurélio**, 2ª edição, versão eletrônica, aponta a marca dialetal **N** para o vocábulo *cipó mil-homens*, como mencionamos acima, ao passo que, na 1ª edição do Dicionário, esta unidade vocabular está classificada como um **brasileirismo L e S**. Tudo indica que se trata de uma falha ocorrida na 2ª edição informatizada, fato já observado também com referência a outras lexias, não se descartando também a possibilidade de ter ocorrido uma atualização de marcas dialetais na 2ª edição da obra.

Temos em *cipó-mil-homens* uma formação composta que se configura como um regionalismo semântico, tendo em vista serem utilizados vocábulos pertencentes à língua portuguesa na estruturação desta unidade do vocabulário.

Outra espécie de nossa flora, a *quina*, que o **Dicionário Aurélio** classifica como brasileiro geral, é originária do Peru, a *quinaquina*, e famosa por suas propriedades antitérmicas. Informa Aurélio que, no Brasil, *quina* é designação comum a várias plantas nativas (*falsa-quina*, *quina-mineira*, *murta-do-mato*) cuja casca é amarga e, por comparação à quina verdadeira, é tida popularmente como recurso em casos de febres e malária. Os estudos de Braga (1989: 423) sobre as plantas do Nordeste apontam a *quina-quina* como denominação comum às rubiáceas e informa que suas cascas são



utilizadas, há séculos, no combate às febres intermitentes. No Brasil, se desenvolve do Amazonas a São Paulo e, segundo esse autor, é conhecida na Bahia pelo nome *quina-do-brasil* e, no Rio de Janeiro e em São Paulo, é identificada por *quina-de-pernambuco* ou *quina-do-piauí*.

O **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil**, de Cruz (1995: 514), assinala que há séculos o vocábulo *quina* vem sendo usado para designar inúmeras árvores da família das rubiáceas. Informa, também, esse estudioso das plantas medicinais que, no Brasil, crescem inúmeras espécies de *quina* cujas propriedades medicinais assemelham-se às da espécie estrangeira. Cita, por fim, as espécies nacionais que são conhecidas por *quina-do-campo* (MG e GO), *quina-da-serra* e *quina-do-mato* ou *quina-da-terra* (PR, SC e RS).

Importa mencionar que ao examinarmos o modo como foram estruturadas as formas variantes (*quina-mineira*, *quina-do-campo*, *quina-da-serra*, *quina-da-terra*, *quina-do-brasil*, *quina-do-piauí*, etc) podemos verificar que, após o nome genérico *quina*, há um especificador de função locativa, o que comprova ser esse referente de procedência estrangeira. No que se refere à estrutura, temos nesses exemplos a formação substantivo +de+substantivo.

Essas formas variantes compostas e a sinônima (*falsa-quina*, *quina-mineira*, *murta-do-mato*) sofreram, no uso brasileiro, uma redução de forma, sendo mantida, apenas, a base substantiva, de caráter genérico, *quina*. A unidade *quina* é exemplo de brasileirismo incluso na categoria das *formações e derivações brasileiras de base estrangeira*.

Uma outra unidade vocabular, *jurubeba*, que Aurélio classifica como um brasileirismo geral de procedência Tupi [*yuru'beba*], é caracterizada por esse lexicógrafo como “*denominação comum a várias espécies da família das solanáceas, tidas popularmente por medicinais.(....)*”. Ao registrar a forma *jurumbeba*, Aurélio informa a sua procedência Tupi, [*yuru'mbeba*], que significa “*espinho de folha chata*”, também brasileirismo geral, e remete para a unidade *jumbeba*, que também vem do Tupi [*yu'mbeb*], significando “*espinho chato*”. Entretanto, essa espécie foi descrita como pertencente à família das *cactáceas* que tem por habitat o litoral de Norte a Sul do País. Aponta o autor como “*forma paralela*” a unidade *jurumbeba* e pede ainda que se confira a forma *jubeba*. O **Dicionário Aurélio** informa, ainda, que *jubeba* é variante de *jurubeba*, por síncope, um brasileirismo geral e, por fim, registra ser o mesmo que *jurubeba-grande*, encaminhando o consulente para o verbete *jumbeba*. Quanto à *jurumbeba-grande*, Aurélio, ao descrevê-la, assinala a vinculação da planta designada por essa lexia à família das *solanáceas* e classifica essa formação, também, como um brasileirismo geral.

Como formas variantes, Balbach (s.d.:193) assinala *jubeba*, *juribeba*, *jupeba*, *jurubeba-verdadeira*, *jurupeba-altera* e *jurubebinha*. Também Braga (1989: 312) estudou a *jurubeba* e aponta a origem Tupi [*yú + peba*] – “*espinho chato*”. O autor não apresenta nenhum sinônimo para essa espécie.

O **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil**, de Cruz (1995: 408), ao registrar as propriedades curativas da *jurubeba*, aponta como sinônimos os itens lexicais *jubeba*, *juribeba*, *juripeba* e *jupela*. Desses itens, apenas o primeiro foi registrado por Aurélio.



Também, neste caso, houve aportuguesamento das formas de origem Tupi, pelas quais a espécie é bastante conhecida. Trata-se, por conseguinte, de mais um *indigenismo* que foi integrado ao léxico do português do Brasil. A lexia jurubeba apresentou também alterações fonéticas que determinaram as diferentes variantes já mencionadas.

Outra espécie de nossa flora medicinal conhecida como *jaracatiá* encontra-se classificada no **Dicionário Aurélio** como um brasileirismo geral, de étimo Tupi [*yarakati'a*]. Embora não tenha sido feita menção a qualquer propriedade curativa na descrição apresentada por Aurélio, todas as obras, por nós consultadas, que tratam de plantas úteis ou medicinais, apontam as propriedades terapêuticas desse exemplar da flora brasileira. Aurélio indica como sinônima a unidade *mamoeiro-do-mato*.

Edwal (1906:18), dando seqüência aos estudos desenvolvidos por Löfgren sobre os nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo, assinala que o *jaracatiá* é árvore alta de cujos frutos se extrai o suco indicado nos casos de opilação. Segundo esse estudioso, a casca desse vegetal fornece matéria prima têxtil. Aponta como sinônimos os itens lexicais *mamãozinho*, *mamoeirinho* e *mamão do mato*. Também Braga (1989: 296) descreveu essa espécie vegetal e refere-se ao suco leitoso obtido de seus frutos como desobstruente, purgativo e vermífugo. Como sinônimas, esse autor assinala as formas *mamão bravo* e *mamão do mato*.

O fruto, por se assemelhar ao mamão, recebeu a designação de *mamota*. Cruz (1995:401) aponta como sinônimas as formas *mamão bravo*, *mamota*, *mamoeiro de espinho* e *mamão do mato*.

Importa assinalar que a forma *jaracatiá* é a mais encontrada nas obras que se ocupam de plantas medicinais. Ocorreu, neste caso, a manutenção da unidade léxica de procedência Tupi, que após passar por alterações fonéticas, aportuguesou-se. Paralelamente, ocorreu a renomeação desse referente, a partir de características específicas da espécie, como *mamão-do-mato*, *mamoeiro-do-mato*, *mamãozinho*, *mamota*, entre outras. Para tanto, foram utilizadas lexias pertencentes ao sistema para representar um referente conhecido e utilizado em diferentes regiões brasileiras.

Importa mencionar a existência de vocábulos Tupi que, mesmo aportuguesados, receberam, em algumas regiões brasileiras, nomes configurados a partir de elementos pertencentes ao sistema, como foi o caso de *jaracatiá* e seus sinônimos. Esse referente foi renomeado tendo como motivação o aspecto dos frutos desta espécie da nossa flora, ou seja, o formato de um mamão pequeno.

Temos em *jaracatiá* exemplo de um brasileirismo pertencente à categoria dos *indigenismos*.

À guisa de conclusão, podemos esboçar, a partir dos vocábulos ora analisados, algumas posições com relação ao modo como se estruturaram alguns brasileirismos. Assim, as lexias de procedência Tupi, em sua maioria, aportuguesaram-se; outras receberam, ao lado do vocábulo indígena, um qualificador na maioria dos casos pertencentes ao vernáculo (grande, verdadeira, preto, etc.) que, algumas vezes, aparece na forma composta, como em *cipó-mil-homens* ou, também, na forma reduzida *mil-homem*; há, ainda, formas compostas, sendo os dois elementos de procedência Tupi, como podemos ver em *jacarandá-caroba*. Registramos, também, formações estruturadas a partir de elementos pertencentes ao sistema, como ocorreu na formação



sufixal *mamãozinho*. É o caso dos brasileirismos semânticos. Há que se mencionar, ainda, o caso de palavras de procedência estrangeira que foram classificadas como brasileirismos, devido ao especificador que a elas foi anexado. É o caso de *quina-da-terra*, *quina-mineira*, *quina-do-piauí*, *quina-do-brasil*, *abacate-do-mato*, etc.

Os resultados, até então obtidos, mostram que os brasileirismos aqui analisados, seguiram uma deriva diversificada, quando do processo de estruturação, através do qual passaram a fazer parte do vocabulário da língua portuguesa, na variante brasileira. Desse modo, o vocabulário da língua portuguesa expandiu-se, ao serem anexados a ele os brasileirismos ou regionalismos, empregados em diferentes regiões brasileiras.

RESUMO: Este artigo objetiva o estudo de unidades do léxico classificadas como brasileirismos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, com o intuito de estabelecer uma tipologia do processo de estruturação desse fato lingüístico.

PALAVRAS-CHAVE: brasileirismos; lexicologia; tipologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, R. *Plantas do Nordeste. Especialmente do Ceará*. 4ª ed. Natal: Editora da UFRN, 1989.
- CRUZ, G. L. *Livro verde das plantas medicinais e industriais do Brasil*. 1ª ed. Belo Horizonte: 1965.
- _____. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995.
- EDWAL, G. *Ensaio para uma sinonímia dos nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo*. Boletim nº 16. Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. São Paulo, 1906.
- FERREIRA, A.B de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LÖFGREN, A. *Ensaio para uma sinonímia dos nomes populares das plantas indígenas do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typographia Hennier Irmãos. Boletim n.10 da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo, 1894.
- PIRES DE OLIVEIRA, A M P. *O português do Brasil. Brasileirismos e regionalismos*. Araraquara-SP: UNESP, 1999. Tese de Doutorado.
- SILVA NETO, S. da *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- _____. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1986.